



Análise do Modelo Narrativo da 1ª Temporada da Série *Girls* da HBO¹

Bruno Vinelli Nunes de Oliveira ARAUJO²

Prof. Dr. Marcel Vieira Barreto SILVA³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB

RESUMO

Girls, uma série da HBO, mostra a vida de 4 mulheres que acabaram de sair da adolescência, e tentam ganhar a vida em Nova Iorque. A série é protagonizada por Hannah, uma garota que se formou há 2 anos e ainda não arrumou emprego, e que teve sua vida de privilégio encerrada quando seus pais param de sustentá-la. Neste artigo, mostraremos como a série foi estruturada, de acordo com o modelo contemporâneo da narrativa televisiva, para, com isso, esboçar um modelo analítico para este tipo de narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: *girls*, séries; televisão; modelo analítico; narrativa.

Introdução

Como mostra Machado (2000, p.15) “a televisão é o meio hegemônico por excelência da segunda metade do século XX”, e de fato, até a segunda década do século XXI, ela está cada dia crescendo e com narrativas bastantes complexas. A TV hoje deixou de ser passiva, para praticar a “sobre o modo de funcionamento das sociedades contemporâneas têm sido construídas com a base na inserção desse meio nos sistemas políticos ou econômicos” (MACHADO, 2000, p.15). E o autor ainda mostra que a televisão deste século, não é mais apenas um “serviço” a população e sim, um elemento que está inserido na sociedade que influencia e é influenciado pela sociedade política, econômica e tecnológica. E finalizando, “uma televisão de qualidade deve ser capaz de equacionar uma variedade muito grande de valores e oferecer propostas que sintetizam o maior número possível de ‘qualidades’” (MACHADO, 2000, p.25). Por isso que a proposta deste artigo é estudar uma série da TV a Cabo do canal HBO (*Home Box*

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso de Cinema e Audiovisual, email: bvinelli@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Cinema e Audiovisual, email: marcelvbs@hotmail.com



Office), pois ela está de acordo com o conceito do Arlindo. Porém, sua narrativa é quebrada por intervalos comerciais por causa de sua grade de programas.

A programação televisiva ocorre através de blocos para que entre estas pausas haja comerciais. Ficar esperando o que vai acontecer dentre os próximos minutos, é a sua principal função narrativa, portanto são aqueles momentos de espera com uma ansiedade ou relaxamento - comercialmente, os intervalos comerciais são sintagmas vinculados à publicidade, seja de anunciantes externos ou de propagandas do próprio canal. No início de *Girls*, há os pontos que serão focados durante a exibição em conversas ou imagens, em que dá para entender, para quem acompanha desde o início, o que houve no evento anterior. Acontece a história com a resolução ou não dos problemas, chegando ao final, com um gancho de tensão para a próxima semana. Na série estudada, há uma música que sintetiza aquela situação que finalizou o episódio. E também tem a inserção de novas pistas para os próximos capítulos, que são chamados de arcos, aumentando assim a expectativa de quem acompanha. Trata-se do que Arlindo Machado chama de serialidade, isto é, “essa apresentação descontínua e fragmentada do sintagma televisual” (MACHADO, 2000, p.84).

Arcos, ganchos ou *cliffhanger* são estilos de roteiro para que tenha uma ligação de um episódio para outro, ou de temporada para outra. É por este meio que essas estruturas conseguem ter uma relação direta com o público, aguçando a curiosidade para os próximos capítulos. É o gancho final utilizado para prender a atenção do espectador e, em casos de séries, fazê-lo retornar ao programa, gerando a expectativa para que ele assista a resolução do drama.

A séries que conseguiu conquistar tanto sucesso de crítica como de público, por exemplo a série *Twin Peaks*(1990 – 1991) entrou no gênero de série de arte, “já que importa regras do cinema de arte para a tela pequena” (THOMPSON, 2003 apud MITTELL), mas não teve sucesso de público, apenas da crítica. Criada pelo cineasta David Lynch e por Mark Frost, ela estreou nos EUA em abril de 1990 e é um marco em complexidade e ruptura com a linguagem televisiva tradicional a partir da utilização de elementos de narrativas cinematográficas.

De acordo com Bordwell apud Mittell (2012, p.30), “um modelo narrativo é um conjunto de normas historicamente diferenciado de construção e compreensão narrativa. Ele atravessa gêneros, autores específicos e movimentos artísticos para forjar uma categoria coerente de práticas.” Com essa complexidade, consegue-se oferecer um leque de opções de narrativa e quais os caminhos que sua narrativa pode levar ao espectador,



agregando uma história mais rica, mostrando a quem assiste uma mudança de perspectiva do personagem em função de uma necessidade.

No século XXI, elas ganharam espaço e conseguiram sair da margem, em que apenas os atores em decadência participavam de séries, porém, houve esta mudança, pois uma narrativa, que antes no cinema durava entre 180 a 240 minutos, diminuiu para 28 ou 42 minutos cada episódio, dividido entre 10 e 24 partes, dependendo da narrativa. Na série estudada, ela tem 10 episódio com uma média de 28 minutos. Com isso, quem acompanha, não precisa sair de casa, pode-se assistir a qualquer hora e há uma boa história sendo contada na TV. Para que atingisse o público, era preciso que as histórias e suas narrativas fossem mais complexas.

A definição de complexidade narrativa:

Em seu nível mais básico, é uma redefinição de formas episódicas sob a influência da narração em série – não é necessariamente uma fusão completa dos formatos episódicos e seriados, mas um equilíbrio volátil. Recusando a necessidade de fechamento da trama em cada episódio, que caracteriza o formato episódico convencional, a complexidade narrativa privilegia histórias com continuidade e passando por diversos gêneros. (MITTELL, 2012, p.36)

Por exemplo, séries como Star Trek(1966-1969), O Incrível Hulk(1978-1982), Jeannie, é o gênio(1965-1970), dentre outras, se iniciavam com um problema e ao final de cada episódio se resolvia aquele impasse. Não tinha um gancho para um próximo episódio. Com exceções de alguns capítulos que eram grandes e continuavam a seguir. Nada, além disso.

E também, havia séries de gêneros específicos, de comédias como: I Love Lucy (1961-1970), Jeannie, é o gênio e A Gata e o Rato(1985-1989). De ficção científica: Star Trek, Perdidos no Espaço(1965-1968) e Arquivo X. E de ação/aventura: O Incrível Hulk, MacGyver(1980-1990) e Magnum, P.I.(1980-1988).

O gênero, pelo livro “Television Style”:

Estilo em cinema importa porque o que as pessoas chamam de conteúdo vêm até nós através da utilização padronizada de técnicas do meio ... Estilo é a textura tangível de um filme, a superfície perceptual que nós encontramos enquanto vemos e ouvimos, e esta superfície é o nosso ponto de partida na movimentação da trama, do tema e do



sentimento– tudo o que importa para nós. (BORDWELL apud BUTLER, 2010).

Objetivos

O objetivo geral consiste em elaborar um modelo analítico para o estudo da série de TV, *Girls* da HBO e assim, ser capaz de investigar os modos de estruturação das tramas, personagem e gêneros nesse tipo específico da grande narrativa.

E assim, terá um mapeamento da forma narrativa seriada, da séries estudada, na contemporaneidade e sua relação direta e indireta com a narrativa televisiva e cinematográfica.

Finalmente, compor um painel de referências teóricas no campo da comunicação, da teoria do cinema, da literatura e da televisão e mostrar a importância da música ao final de cada episódio.

Justificativa

Com uma narrativa mais complexa, preços cada vez mais altos dos ingressos do cinema, a falta de tempo de ter que ir a um shopping, pegar filas, barulho dentro ou fora da sala e a popularização da TV a cabo e TV on demand, como a Netflix e a disseminação de tecnologia que antes só poderia ser editadas em grandes estúdios, agora, pode-se criar, gravar e editar praticamente dentro de um estúdio caseiro. Ao passar dos anos, os roteiristas iniciaram um processo de deixar as séries televisivas mais complexas, como *Twin Peaks*. E depois, chegaram séries premiadas, como *Os Sopranos* e assim mudando o jeito de assistir e escrever para a TV. Depois deste processo, as séries, em questão de complexidade narrativa, parecem se destacar mais que o próprio cinema hollywoodiano, colocando uma nova crise nesta indústria.

Como afirma Jason Mittell:

Mas conforme o número de canais cresceu e a audiência de qualquer tipo de programa foi reduzida, as redes de televisão e seus canais acabaram por reconhecer que para um programa ser economicamente viável pode ser suficiente um público seguidor pequeno, porém dedicado. (MITTELL, 2012, p.34)



O foco desta afirmação está na América do Norte, tanto nos canais abertos quanto os de TV a Cabo. E assim, na prática, a televisão mostra que tem capacidade de produzir conteúdo de qualidade.

Portanto, neste artigo, a proposta é apresentar e discutir questões sobre padrões de planos e da música final da 1ª temporada da série *Girls* para estabelecer um modelo analítico e assim, entender como ele se comporta na contemporaneidade. Enfatizando, as formas narrativas utilizadas, sua relação textual e intertextual com outros gêneros, práticas e programas audiovisuais.

Métodos e técnicas utilizadas

A pesquisa ocorreu em três etapas: estudar as definições como narrativa e sua complexidade, serialização e a cultura das séries. Em seguida, foram escolhidas duas séries da HBO que passam no horário nobre da TV americana. Para este artigo, foi escolhida a série *Girls*, criada por Lena Dunham, e em 2012, recebeu 5 indicações ao Emmy Primetime, incluindo "Melhor Série de Comédia", "Melhor Atriz", "Argumentista/Roteirista", e "Realizadora/Diretora", todos para a criadora. Em 2013, a série ganhou dois globos de ouro como melhor série de comédia e melhor atriz para Lena Dunham.

Devido a sua complexidade de variar do drama ao sitcom com maestria e mostrar quatro amigas que moram em Nova Iorque, sem que tenha alguma comparação negativa com uma série, da HBO, *Sex in the City*, pois as mesmas não são ricas nem glamorosas, são apenas mulheres que acabaram de sair da adolescência e estão vivendo as agruras da vida adulta na maior cidade do mundo.

E por fim, a criação deste artigo, com um modelo analítico, sobre planos e a música ao final de cada episódio e seu sentido para a trama.

As técnicas utilizadas foram primeiramente com a leitura e fichamento de alguns livros básicos sobre narratologia e cultura televisiva e de séries. Depois, assistir a série inteira, analisando plano a plano e anotando os detalhes da cena, sequência e beats. E capturando o frame relativo para encontrar os padrões necessários. E ao perceber que todo o final da série tinha uma música, foi percebido que há um padrão na música final,



quando tem a transição da última cena com os créditos finais até o final da programação.

Descrição do Processo

Com a leitura e fichamento dos livros básicos sobre narrativas audiovisuais com os principais teóricos da área, como Roland Barthes, Cândida Vilares Cândido, Gérard Genette, dentre outros, para conceituar cada elemento narrativo da série. Depois, mostrar como foi a metodologia seguida, ou seja, decupagem de todas as cenas, incluindo planos e a minutagem de cada episódio. Além de assistir a todos os episódios da 1ª temporada de *Girls* (10 episódio de aproximadamente 28 minutos).

A série *Girls* e seus planos visuais

A série deste artigo é um bom exemplo de uma complexidade narrativa, pois em muitos episódios há momentos de comédia, bem estilo sitcom, e outros momentos é bem claro o gênero drama. Mas, de acordo com a sinopse, ela é um drama de umas meninas-mulheres que vivem na *Big Apple*.

Na série em questão, em sua primeira temporada, há um arco maior, que é Hannah quando recebe a notícia que os pais não iriam mais sustentá-la e que teria que correr atrás de trabalho e além do mais, sua relação complicada com Adam. E os pequenos arcos são as histórias de suas três amigas, cada uma tentando vencer em Nova Iorque. Uma é secretária com um problema com o namorado, uma chegou de Paris para tentar uma nova vida na cidade e outra, estudante e virgem a procura de um grande amor.

De acordo com Chiappini e Leite, “a narração e ficção nascem juntas”, pois “quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou”. A narradora Hannah é do estilo romance, “perde a distância, torna-se íntimo, ou porque se dirige diretamente com o leitor, ou porque nos aproxima intimamente das personagens e dos fatos narrados.” (Ibidem, p.22). Porém, os acontecimentos são mostrados diretamente ao espectador, sem a necessidade da voz em off descrevendo o que já está sendo mostrado na televisão.



Pode-se dizer que elas são as anti-Sex in the City. Na própria série, mostra que uma das personagens é fã da série, pois há no quarto um grande pôster, em destaque, quando tem cenas em seus quartos. Mostrando assim que a série não quer ser uma cópia da antiga, mas que tem referências diretas com esta.

Logo no primeiro episódio, o piloto, em sua primeira cena, mostra Hannah (a própria autora da série) comendo e conversando com seus pais. Nesta introdução, mostra que a personagem principal gosta de comer muito, tem uma relação de adolescente com os pais. Estes, professores universitários. Um pai que a mimou muito e uma mãe mais repressora. Na conversa, eles estão expulsando-a da vida deles, na parte de sustentá-la financeiramente, já que a mesma não ganha o seu próprio dinheiro há dois anos, desde que se formou e apenas trabalha, voluntariamente em uma editora, com a esperança de um dia ter seu espaço e seu livro publicado. Está criado o primeiro arco da série. Hannah está sozinha, sem dinheiro, vai tentar ganhar a vida em Nova Iorque, uma cidade de custo de vida alto, para conseguir ter seu livro publicado. Planos das cenas muito próximo, dando a impressão que o espectador faz parte da cena (figura 1 e figura 2). E planos mais abertos, apenas para ambientação (figura 3 e figura 4), como também o som ambiente.

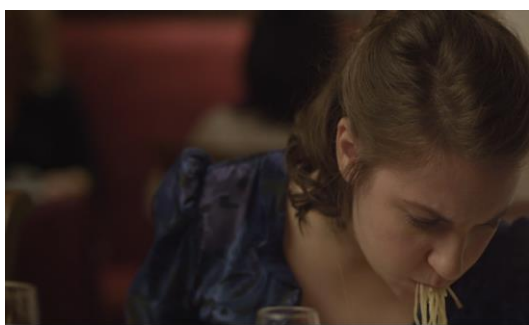


Figura 1 – Hannah

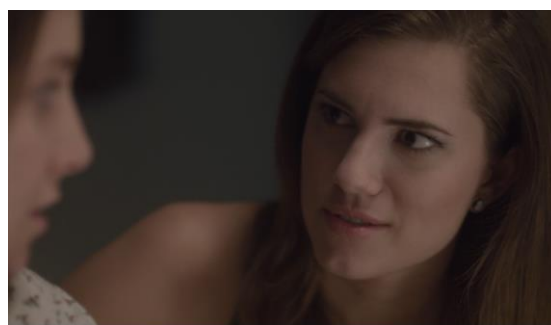


Figura 2 – Marnie

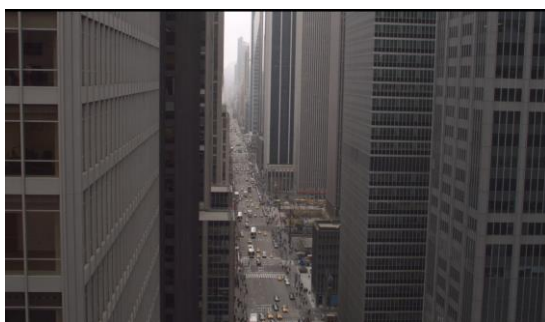


Figura 3 – Midtown

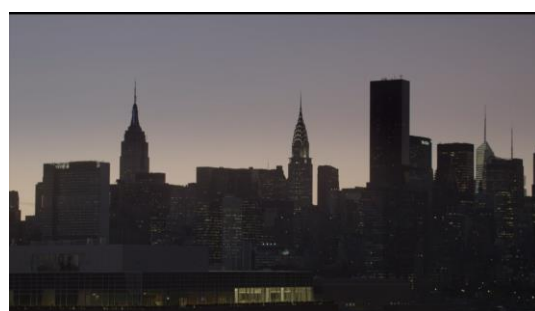


Figura 4 - Manhattan



Logo após isso, vemos a protagonista acordando na cama com um amiga, esta que divide o apartamento com ela. Então, nas próximas cenas, serão conhecidas os personagens que farão parte da série. Outra muito bonita, chega de Paris e vai morar com a prima que é fã do seriado “Sex in the city”. No apartamento que Hannah divide com a amiga, Marnie, tem um namorado que ela não está mais afim e ele tenta a todo custo conquistá-la. Enquanto que Jesse é moderna, conhece o mundo, a sua prima, Shoshana, é ingênua e com um espírito ainda de uma adolescente. A protagonista tenta conseguir um emprego real em sua empresa, mas sem sucesso. Começa aí a queda dela e ela fica sem uma ajuda. Terá que se virar para ter um trabalho. Após isso, conhecemos o namorado dela, Adan, um cara que é formado em Literatura, tenta a vida de ator e muito excêntrico. Percebe-se que há uma atração entre eles.

Quando vê um plano americano em alguém, logo após a câmera se aproxima, chegando ao plano médio ou próximo (figura 5 e 6). Dando a impressão que o espectador está longe da conversa e chega mais perto e ter a percepção de inserção na cena.



Figura 5 – Plano Americano



Figura 6 – Plano Médio

Ou como no plano sequência em que Hannah acorda e a câmera inicia na figura 7 e termina na figura 8.



Figura 7 – Início da sequência



Figura 8 – Final da sequência



Em um jantar que Marnie organiza com seu namorado, ele chama mais um amigo, Ray. Chega Jessa e assistimos que ela não é uma pessoa non-grata com Marnie, pois são pessoas bem diferentes.

Hannah chega atrasada, bebe ópio, e aconselhado por Jessa, contrariando Marnie, vai ao hotel de seus pais, drogada, e fala para eles a verdadeira missão do seu livro, que é uma referência direta para a série: "... mas, acho que talvez, eu seja a voz da minha geração...". Mostrando que a série, é isso que estamos vendo. Mulheres que acabaram de sair da adolescência, tentando ganhar a vida na maior cidade do mundo.

Ao final do episódio, Hannah sai do hotel e um mendigo fala: "... Quando olho para você, tenho vontade de dizer, 'Olá, Nova Iorque'" (Figura 9), mostrando a todos que há esperança e que todos, no final, serão felizes na Big Apple.



Figura 9 – Olá, Nova Iorque

Este recurso de uma sequência de plano americano para um plano próximo, um plano conjunto médio para um plano geral, é muito comum na linguagem do estilo televisivo, voltado para telas pequenas e para a intimidade do espaço do lar. Logo, após a cena da figura 9, a câmera abre o plano e vai para o geral, mostrando a rua movimentada desta grande cidade (figura 10).



Figura 10 – Plano Geral e continuação da cena da figura 9.

Ao decorrer da série, Adan aparenta que não quer nada com ela, apenas divertimento, o namorado de Marnie lê o diário de Hannah e sabe que ela não quer ter mais um relacionamento com ele, Jessa pensa que está grávida, e não está e arruma um emprego como babá e Shoshana tenta encontrar um namorado e perder sua virgindade.

Ao final da temporada, alguns arcos se fecham: Jessa se casa, acabando com a sua vida livre. Marnie dá um basta em seu ex-namorado. Shoshana passa a noite com Ray e Hannah briga com Adan, pois ela arrumou um cara para dividir o apartamento. O ex-namorado que é gay e que passou HPV a ela. Finalizando a temporada, com os dois acabando.

A primeira temporada de *Girls* e a música final

Como visto neste artigo, nesta temporada, há o padrão dos planos próximos, planos conjuntos gerais que se aproximam para o plano próximo, como se nós, espectadores, chegássemos perto para escutar o que está ocorrendo neste instante. E cada final de episódio, tem-se uma música que resume o que está acontecendo naquele momento. Por exemplo, no final do episódio piloto, vem a música, “Whises And Stars” (Desejos e Estrelas) do Harper Simon, abaixo um pequeno trecho:

“Todo mundo parece tão certo
Toda a gente sabe quem eles são
Todo mundo tem uma mãe e um pai
Eles todos parecem tão certo que eles estão indo longe



Todos eles tem mais amigos do que precisam

Menos eu, porque eu sou um tolo
Eu sou tão simples como uma abelha
Como uma melodia em C
Mas isso não importa
Há mais desejos do que estrelas”
(Harper Simon, tradução do autor)

Na credence popular, acredita-se que quando cai uma estrela, estrela cadente e alguém vê, deve-se fazer um pedido que será atendido. Para estas meninas-mulheres, há mais desejos que realidade. Hannah deseja que alguém publique seu livro, ainda não encontrou. Ela “perdeu” a mãe e o pai, se pilar de sustentação financeiro. Ela acreditava que na empresa que trabalhou com muito afínco, iria ganhar um empegno de verdade e foi tola. Esta é a protagonista da série.

No quarto episódio da série, “Hannah’s diary”, quando o namorado da Marnie lê o diário de Hannah e percebe que o namoro entre eles já acabou e que a amiga de da protagonista não o quer, em um show, ele prepara um música e desabafa para todos que estão presente, balançando a amizade entre as duas. Ao final do episódio a música “Same Mistakes” (Mesmos Erros), que nos três primeiros estrofes mostram:

“Eu cometo os mesmos erros
Parece que nunca vou aprender
Sempre entregando muito
Para pouco em retorno
Eu não mudei nada
Ainda não superei isso
Eu cometo os mesmos erros
Eu...
Eu nunca cresci
Parece que nunca irei
Meus amigos são todos adultos
Eu continuo uma adolescente”
(The Echo-Friendly – nota do autor)

A protagonista, desde o primeiro episódio, mostrava a amiga que esse namoro já tinha acabado, porém, para não se intrometer, apenas escreveu em seu diário, causando uma crise entre as amigas.



E no último capítulo da primeira temporada, em que Hannah, perdeu o namorado, dormiu no metrô, furtaram sua bolsa e ela ficou sozinha na praia e vem a música, “On Your Way” (Em Seu Caminho):

“Amor, apenas no caso de você não ouviu
Tem sido executado irregular, um fantasma de uma
palavra
Mas espero que tipo de preso
Com alguma sorte
Talvez no próximo verão, talvez por queda
Bem, se não, então, eu tenho certeza que você vai se
lembrar
Que o nosso sombrio dezembro vai iluminar até maio
Você está no seu caminho
Tomando a bebida para o fim da linha
Às vezes você pensa que é um projeto defeituoso
E pergunto quando
E espero que, até então”
(Michael Penn, tradução do autor)

Terminou sozinha, mas como a música mostra, esta parte ruim vai acabar e na próxima temporada, que é primavera, será tudo iluminado. Ou seja, tudo melhorará na segunda temporada. E o espectador espere chegar que vai ser tudo melhor.

Considerações finais

A série chegou não para ser uma cópia da anterior, *Sex in the City*, mas para mostrar como meninas norte-americanas de classe média, lutam para viver em Nova Iorque, cada uma com seus defeitos e valores entre si.

Sua narrativa é complexa, pois há muitas histórias paralelas, gerando muitos arcos dramáticos e cômicos, deixando em aberto qual gênero se encaixa: comédia ou drama? Posso dizer que é uma comédia dramática, pois há muitos estilos de sitcom e um toque de drama, quando elas mesmas caem na real, para mostrar a quem assiste que a vida é dura, bem diferente das mulheres do seriado “*Sex in the City*”, que se mostravam independentes financeiramente e psicologicamente, a primeira é verdade, a segunda há questionamentos. Em *Girls*, precisam de trabalho para sobreviver e sua



relação de amor é tem alguém para ficar ao lado para sempre, como em um conto de fadas.

Os planos são fixos, pouquíssimas cenas com câmera na mão, mas há muitos movimentos de câmera como: travelling, pan, dolly-in, dolly-out. Surgindo para dar espaço a uma narrativa mais lenta e assim, não utilizando os cortes secos, dando um ritmo maior na cena que não seria legal para quem está assistindo.

E finalmente, a música tema ao final de cada capítulo, resumindo o que aconteceu no episódio e o que está para acontecer.

Por ser um artigo, tive que ser mais conciso e falar de alguns episódios que são básicos para entender a série, não dá para falar bem de todos em apenas algumas páginas.

E algumas sugestões de estudo é sobre as cores do letreiro do nome da série mudarem a cada episódio. Tem um que o fundo é azul mais escuro e o nome “Girls” azul mais claro e as cores não se repetem nestes 10 episódios.

Finalmente, por mais dramática que seja, a série tem um espírito positivo, esperançoso, como aponta na fala do mendigo no fim do piloto. “Por que não sorri? Seu coração dói? Quando olho para você, tenho vontade de dizer, ‘Oi, Nova Iorque’”!

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. Arte retórica e arte poética. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d.

BUTLER, Jeremy G. Television Style. Routledge, EUA, 2010.

GANCHÓ, Cândida Vilares. Como Analisar Narrativas. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 7ª edição, 8ª impressão.

GENETTE, Gérard. O Discurso da Narrativa. Coleção Vega Universidade.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O Foco Narrativo. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 10ª edição, 5ª impressão.



MACHADO, Arlindo. Televisão - A questão do repertório. In:_. A televisão levada a sério. São Paulo: Senac, 2000.

_____. A narrativa seriada. In:_. A televisão levada a sério. São Paulo: Senac, 2000.

MITTELL, Jason. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. In: Revista Matrizes, São Paulo, vol. 5, n°2, PP. 29 – 52, 2012.